

Conscientização

A visitadora sanitária percorre as ruas da favela das Placas com ar de familiaridade. Conversa com os moradores como se fosse velha conhecida. Pára em um barraco. Pergunta à dona da casa porque faltou à última consulta. Quer saber como estão as crianças, o marido. Uma quadra adiante convoca outra moradora para uma aula. Escuta queixas, dá conselhos.

Esse trabalho, feito com regularidade, é fundamental para o desenvolvimento das atividades do Centro de Saúde Experimental da Barra Funda. Seu principal objetivo é a prevenção primária: conscientizar a população da necessidade de realizar exame médico periódico e de se imunizar. Mas presta também assistência médica, como todos os outros centros de saúde.

Seu médico-chefe, Otávio Mercadante, explica que em todas as atividades a educação merece um tratamento especial. O paciente é orientado antes e depois da consulta. E recebe ainda a orientação domiciliar. As visitas seguem uma escala de prioridade: em primeiro lugar estão as gestantes que fazem o pré-natal, o recém-nascido e a mãe que acabou de dar a luz; depois vem o controle de doenças transmissíveis; e o doente faltoso.

Ao contrário das outras unidades, no Centro de Saúde Experimental da Barra Funda, mantido pela Secretaria de Saúde em convenio com a Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa, o numero de clientes faltosos é muito pequeno. Mais de 80% das consultas marcadas são realizadas e das crianças que visitam o centro 50% são sadias e buscam apenas o exame periódico de controle.

No Centro de Saúde Experimental da Escola Paulista, que funciona no mesmo esquema, a frequência também é alta. Seu médico-chefe, Olmar Salles de

Lima, informa que 90% dos clientes comparecem às consultas marcadas. A elevada porcentagem de comparecimento é consequência não só do trabalho das visitadoras mas de uma nova mentalidade de trabalho.

Olmar Salles de Lima define assim uma unidade sanitária: "sua finalidade é, através da visitação e do conhecimento da área, descobrir os seus problemas de saúde pública e tratá-los". Um centro experimental seria uma unidade sanitária qualquer se ele não funcionasse com característica de ensino. Ou seja, alertar o estudante sobre como as doenças atingem uma população e sobre o que se pode fazer para melhorar e estimular o interesse da comunidade para os aspectos da saúde coletiva.

INTEGRAÇÃO

As crianças de seis a oito anos se reúnem em uma sala. E desenvolvem atividades recreativas, durante as quais recebem conhecimentos sanitários. Em outra sala, em outro centro, os velhos da comunidade se reúnem duas vezes por semana para fazer trabalhos manuais.

Essas são algumas das atividades comunitárias desenvolvidas pelos centros experimentais. Como as outras unidades de saúde eles realizam programas de materno-infantil, higiene pessoal e da habitação, nutrição e controle das doenças transmissíveis. Mas seu trabalho não pára aí.

Como filosofia de atendimento, o Centro de Saúde Experimental da Escola Paulista de Medicina considera os problemas de saúde de cada grupo etário e prepara o indivíduo para superar as dificuldades que vai enfrentar no grupo seguinte. O atendimento começa pela gestante e, depois a criança é acompanhada continuamente até atingir a adolescência.

No seu trabalho, a educação constitui um capítulo especial. E as atividades comunitárias fazem parte dele: são os clubes de mães, os grupos de diabéticos e de alcoólatras, o grupo do parto sem medo. E já começam a ser elaborados os primeiros programas para adolescentes.

Embora seja difícil medir os resultados conseguidos com o desenvolvimento de atividades comunitárias — como o clube de mães, por exemplo — Olmar Salles de Lima acredita que eles sejam positivos, principalmente pela elevada frequência às aulas.